

Macaúbas: decadência da antiga nobreza

NOSSO BAIRRO



ABANDONO Moradores se queixam da falta de policiamento e transporte

JOSÉ ARAÚJO NETO

O bairro de Macaúbas, situado entre o Barbalho e a Baixa de Quintas, já foi uma área nobre onde residiam barões (um dos quais emprestou o nome ao local) e fidalgos, que espalhavam sua influência por toda a cidade. Com o desenvolvimento de Salvador, o bairro acabou sendo relegado a segundo plano e hoje, cercado por invasões, convive com problemas jamais sonhados por seus abastados moradores do passado. Mesmo assim, quem reside em Macaúbas fala com orgulho do lugar, embora reclame das autoridades algumas providências, que não são caras, mas importantes para a recuperação do bairro.

Atualmente, eles vêm se queixando muito da falta de interferência de órgãos públicos ligados à fiscalização do trânsito, já que as calçadas estão constantemente ocupadas por veículos, obrigando os transeuntes, principalmente os estudantes, a se arriscarem pelas ruas precariamente asfaltadas. “Na semana passada, uma mulher foi forçada a sair do passeio por causa disso e acabou sendo atropelada no horário do rush, tendo a perna esmagada”, lembrou Benedito Veras, 52 anos, residente na Rua Teodomiro de Queiroz.

Segundo ele, empresas como a Spartac e a Contrast estacionam seus veículos no passeio, dando assim mau exemplo a outros proprietários de automóveis. Na quinta-feira pela manhã, havia carros

estacionados pelas calçadas ao longo de toda a Rua Barão de Cotegipe, obrigando estudantes a caminharem pela pista. “Quando a gente sai do colégio, principalmente no final da tarde, o problema é maior ainda, porque tem mais carro e o trânsito é bem pesado”, queixou-se Érika Santos, 17 anos, aluna da 8ª série do Colégio Getúlio Vargas.

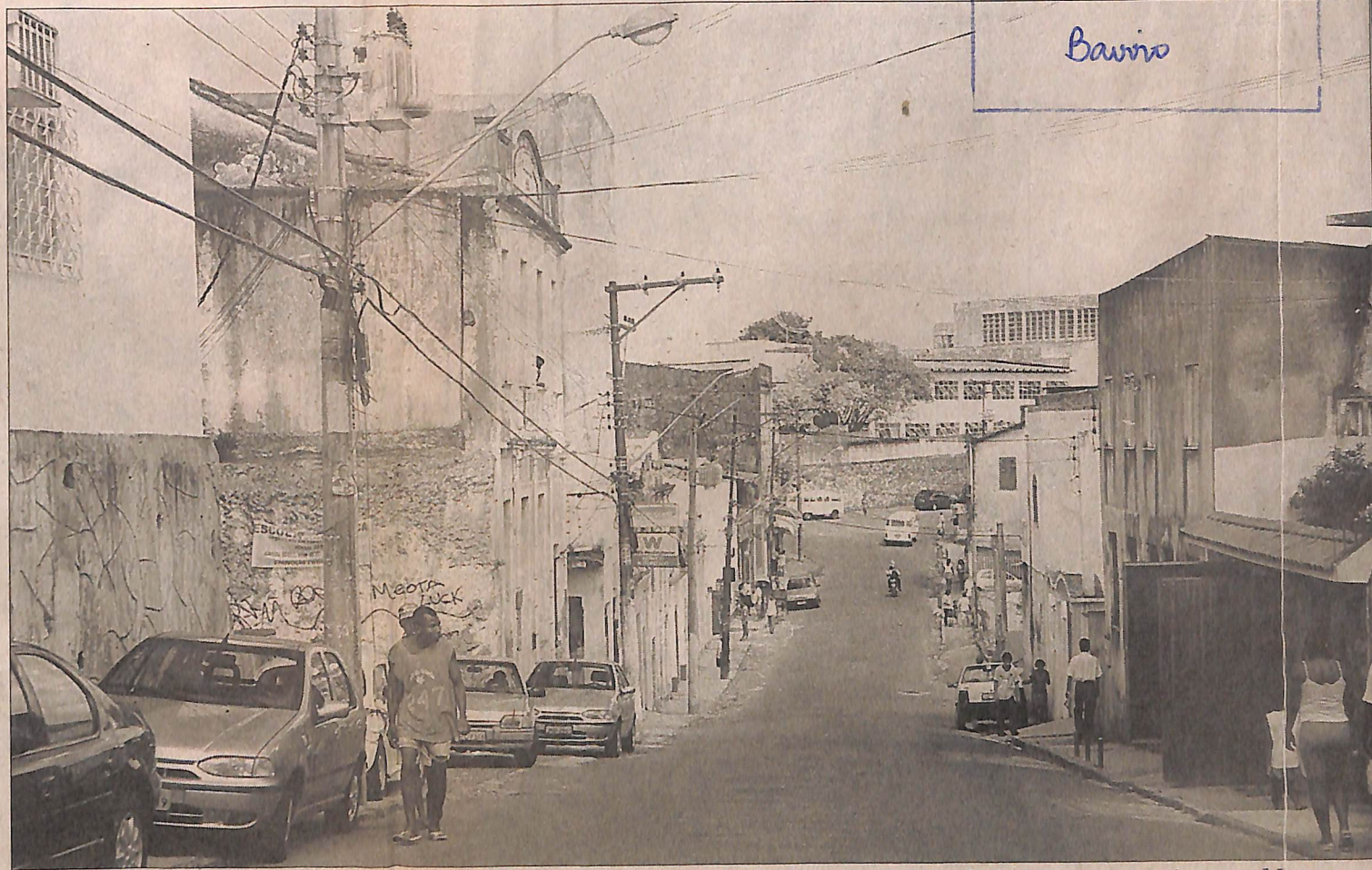
O transporte coletivo é outra carência. A empresa Ondina é a única que serve a Macaúbas e só disponibiliza uma linha, cujo destino é o bairro do Garcia. Assim, quando os moradores querem se dirigir para outros locais, como a Lapa, região do Iguatemi ou a Pituba, são forçados a pagar dois transportes. “Nos fins de semana não há ônibus, isso todo mundo já sabe e nem fica nos pontos esperando, preferindo ir logo para a Sete Portas”, disse Florípedes Santos.

Desvalorização

Além do trânsito e do transporte coletivo, a falta segurança é um dos maiores problemas enfrentados pelos moradores de Macaúbas, atualmente. As opiniões sobre as causas dessa situação, no entanto, estão divididas: alguns culpam a Invasão do Pela Porco, situada ao lado da antiga Estação Rodoviária, outros defendem os vizinhos mais pobres e afirmam que caberia à polícia fazer melhor seu trabalho no local.

Para Benedito Veras, a proximidade com a invasão é tão problemática, que os imóveis no bairro vêm-se desvalorizando. “Minha casa tem dois pavimentos, garagem para três carros e mais ponto comercial, porém não consigo vendê-la por R\$ 50 mil”, queixou-se o proprietário, disposto a se desfazer da casa até por um preço menor, por causa da violência. “Ontem, mataram dois lá na invasão e no domingo passado, outro. Por isso ninguém quer morar por aqui”, disse.

A comerciante Maria de Lourdes Cardoso, 70 anos, que possui um armário cercado de grades,



Batizado com o nome de um morador ilustre, o Barão de Macaúbas, o bairro hoje acumula muitos problemas

confirma as declarações de Benedito. Ela contou que foi assaltada duas vezes e que na Avenida Pantaleão – que dá acesso à invasão –, quase sempre os moradores são surpreendidos pela presença ostensiva da Polícia Militar, à procura de traficantes e assaltantes. Ela reclama da falta de mobilidade da PM que, embora tenha um quartel nas proximidades (o 7º BPM), não dá proteção à comunidade. “Na semana passada, um homem começou a bater em uma mulher na frente de todo mundo, e eu liguei para o quartel, mas eles me trataram com desdém e não apareceram por aqui, e a mulher só não morreu porque desmaiou e os moradores levaram para o HGE, enquanto o agressor saiu andando impunemente”, disse.

Valdomiro Brito Oliveira, 60 anos, aposentado, que reside na

Avenida Pantaleão, não concorda que a Invasão do Pela Porco seja a causa da violência. “As pessoas têm mania de acusar os moradores do Pela Porco por todo assalto e furto que ocorre por aqui. Eles são pessoas ordeiras, respeitadoras e tão trabalhadoras quanto a gente daqui de cima”, defendeu Valdomiro, mostrando como exemplo o garagista Joel Santos Pires, 27 anos, que passava pela rua no momento. Joel aproveitou para informar que o nome da invasão não é mais “Pela Porco”, e sim “Boa Esperança”.

O senhor Valdomiro disse que mais grave que a invasão é a situação crítica da rua, que está com o asfalto todo destruído, segundo ele, por conta do recapeamento mal feito após um trabalho realizado na tubulação por operários da Embasa.

Barão deu nome ao bairro

Moradores antigos como Fernando Ribeiro Sampaio, 65 anos, ainda se lembram da antiga casa do Barão de Macaúbas, situada na rua que tomou seu nome. Agora, uma empresa de ônibus se instalou no local e a descharacterizou completamente. Para Fernando e sua esposa, o que antigamente era tranquilidade, hoje é confusão e barulho, principalmente quando uma vizinha, da Rua Jaime Guimarães, aluga a sua laje para que jovens façam festas até de manhã “e saiam depois quebrando e destruindo tudo”.

Fernando comenta que, no passado, os moradores tinham muito orgulho de dizer que mo-

ravam no bairro do Barão. Este por sua vez foi uma das maiores personalidades baianas do antigo regime, pois recebeu o título em 1882, quando suas terras eram muito extensas na região que lhe herdou o nome. Por sua vez, Macaúbas é um nome de origem tupi, significaria “a árvore da macaba (rede)”, pois era da folha das palmeiras da macaúba que os índios faziam suas redes.

A baronesa de Macaúbas, também foi muito influente na época do Império, pois pertencia à família Wanderley, que produziu outros nobres, como o Barão de Cotegipe, e também revolucionários que trocaram a monarquia pela República.